

Cardoso terá tarefa difícil no Exterior

Visita ao Canadá poderá destacar isolamento do Brasil e não o esforço despendido para normalizar suas relações com a comunidade financeira internacional, assinalam observadores

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Tolhido pelo vício da inflação, pelos escândalos e pela aversão nacional às políticas de estabilização, o Brasil demorou tanto tempo para renegociar a dívida externa com os bancos que a cerimônia de assinatura do acordo, amanhã, em Toronto, será um evento arriscado. Ela pode realçar mais o atraso e o isolamento do País do que o progresso que de fato representa para a normalização de suas relações com a comunidade financeira internacional.

Onze anos depois e a dez quarteirões de distância do lugar onde o mundo tomou conhecimento da quebra do México, o fato que precipitou o colapso financeiro do Terceiro Mundo, durante a reunião anual do Fundo Monetário Internacional de 1982, o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, presidirá o ato que marca, teoricamente, o fim da crise da dívida para o Brasil. Para passar a teoria à prática, o País terá de fazer nos próximos três meses o que não fez nos últimos dez anos: eliminar o déficit público e, com ele, a raiz da inflação.

Se isso não ocorrer, é altamente improvável que o governo consiga chegar a um entendimento com o Fundo Monetário Internacional sobre um programa de estabilização. O diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, já deixou claro a Brasília que não arriscará uma vez mais sua credibilidade apoiando políticas de austeridade que o governo anuncia mas não consegue executar. Sem o acordo com o FMI, o Tesouro dos Estados Unidos não fará a emissão especial de títulos que o Brasil precisa comprar para entregar aos bancos, em garantia dos novos instrumentos da dívida renegociada. Nesse cenário, o acordo com os bancos ficará só no papel e não entrará em vigor. Em outras palavras: fracassará.

A assinatura está marcada para as 11 horas no hotel Four Seasons. A cerimônia será seguida de um almoço de celebração com os representantes dos credores e entrevista do ministro à imprensa.

O prazo para a entrega das garantias do acordo aos bancos, o ato que o tornará efetivo, termina no dia 15 de abril. Isso significa que o governo precisa ter o aval do FMI para seu programa de estabilização assegurado até o fim de fevereiro, o mais tardar. Para conseguir o aval, o executivo precisa iniciar

de imediato a execução do programa. Dada a história de inadimplência do País, desta vez a direção do Fundo quer ver resultados antes de apoiar o programa.

Os credores, o FMI e o Tesouro americano esperam e torcem para que o pacote de medidas que Fernando Henrique prometeu para esta semana coloque o Brasil, de uma vez por todas, no caminho da estabilização.

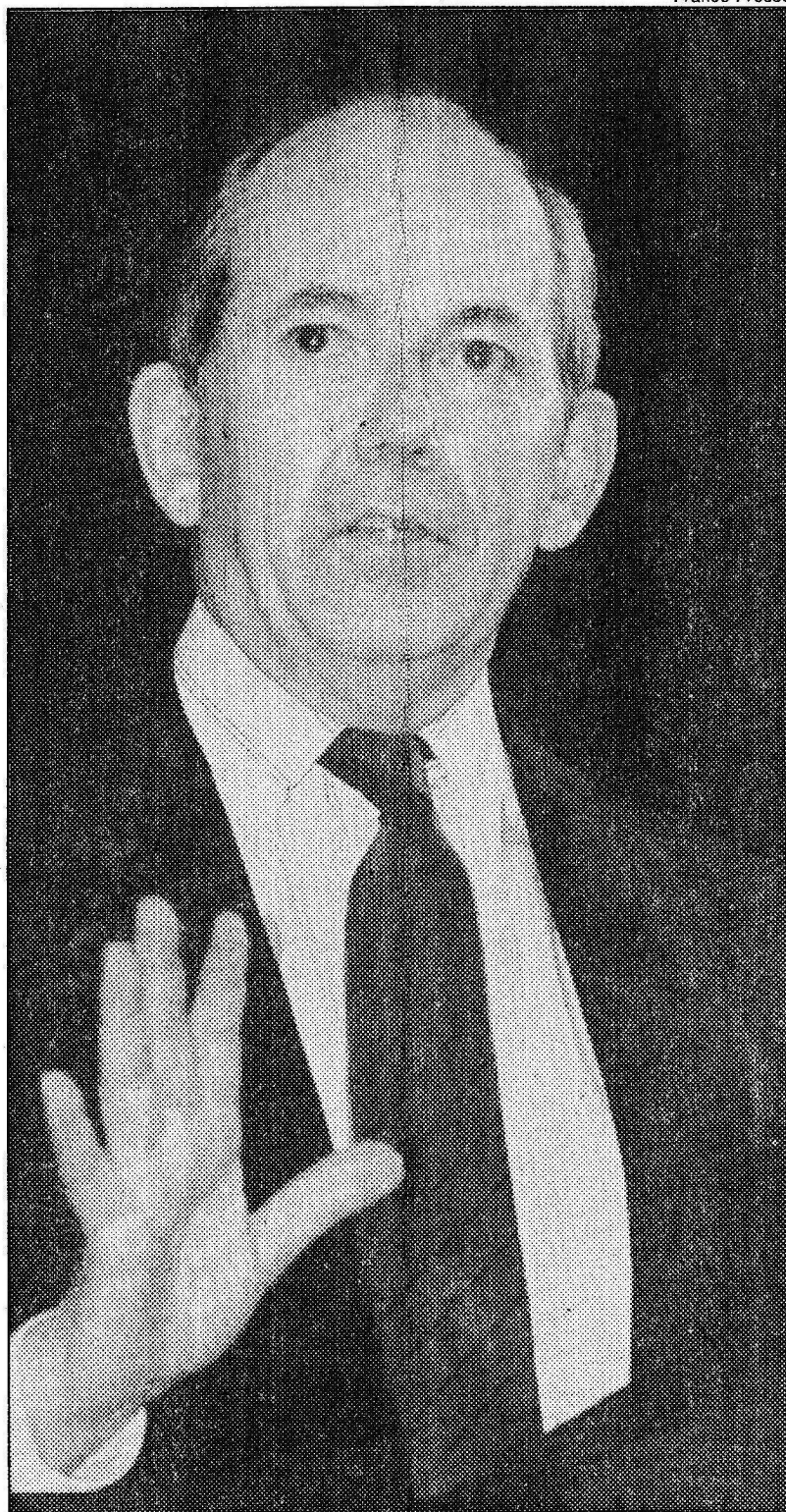
Fernando Henrique tem repetido ad nauseam que o ajuste fiscal é a pedra fundamental de qualquer plano de estabilização digno do nome. Mas a inflação de palavras produzida nas últimas semanas pelas declarações oficiais desencontradas — paulada?, desindexação?, âncora?, prefixação? — acabou criando dúvidas sobre a capacidade e disposição para dar início a um conjunto consistente de medidas. Por fim, a desastrosa decisão do negociador da dívida, André Lara Resende, de abandonar o barco esta semana, reforçou ainda mais as dúvidas.

"Francamente, estou pessimista", disse um funcionário da área econômica do governo americano que acompanha de perto a situação. O ânimo de Camdessus, o dirigente do FMI, era o mesmo até duas semanas atrás. Pode ter melhorado depois da volta a Washington, na quinta-feira passada, de José Fajgenbaum, o chefe da missão do FMI que esteve em Brasília. Mas é certo que o gerente do Fundo não comprou a teoria segundo a qual o escândalo da Comissão do Orçamento ampliou o espaço para a atuação de Fernando Henrique. Camdessus teme que os vagalhões do mar de lama e o frenesi investigatório em Brasília mantenham o governo imobilizado até o início da campanha presidencial e tem manifestado a interlocutores não brasileiros dúvidas crescentes sobre o apetite de Fernando Henrique para ousar e correr o risco político de apunhalar fundo o dragão da inflação.

André Dusek/AE—22/11/93



Cardoso: torrente de palavras confunde



France-Press

Camdessus não quer arriscar credibilidade com promessas

13.1